



O Contrato Comunicacional na Construção Discursiva de Cunho Ambiental na revista *Ciência Hoje das Crianças*¹

Alexandre Borges, CAVALCANTE²

Cosme Batista, SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O conceito de contrato comunicacional defendido pelo estudioso francês Patrick Charaudeau afirma que todo dispositivo comunicacional gera um acordo entre todos os sujeitos presentes na máquina midiática: emissor, receptor e mensagem, além das categorias de Identidade (Quem e para quem fala), finalidade (Para quê fala?), propósito (Do que se trata?) e dispositivo (Onde o discurso está sendo inserido?). Nesse sentido, e no estudo do contrato, o presente trabalho buscou analisar a construção discursiva e o contrato da informação no discurso de cunho ambiental presente na revista *Ciência Hoje das Crianças*. Ao longo da análise, são destacados os principais elementos que ajudam a construir a formação de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; divulgação científica; contrato comunicacional, meio ambiente.

Introdução

Em uma sociedade dita global, a troca de informações – ou, em linguagem direta, a comunicação, se estabelece como o principal meio de disseminar ideologias e pensamentos. Internet, revistas, televisão... Vários são os dispositivos e mais variados ainda as maneiras de se construir aquilo que se quer dizer. É nesse contexto que, a partir da década de 60 do século XX, a análise do discurso começa a aparecer como o centro da discussão de muitos acadêmicos. Ganhando o status de “quarto poder”, as instâncias midiáticas consolidam seu lugar no dia a dia de uma sociedade cada vez mais passiva e reducionista.

¹Trabalho apresentado no IJ1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

²Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEB, email: alexandre.bcavalcante@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNEB, email: cosmebs.santos@gmail.com



Há, contudo, que se fazer as devidas ressalvas quanto a imagem de alienatória e destruidora que muitos, sem argumentos sólidos, fazem da mídia. Ela é, além desse meio de construção do sentido, elemento importante na divulgação de assuntos que geralmente não seriam tratados nas rodas de conversas ou, mais importante ainda, um agente adaptador, “traduzindo” o discurso que uma determinada classe não entenderia para uma linguagem acessível.

É nesse contexto que a divulgação e discussão científica se insere. Assunto ainda tratado por muitos como algo distante da realidade e impossível de ser compreendido sem muito estudo, a ciência – tal qual a mídia – já está devidamente inserida no dia-a-dia da sociedade moderna e a circulação de revistas de sucesso como *Mundo Estranho*, *Superinteressante* e *Ciência Hoje das Crianças* mostra isso.

Essas três, em específico, apresentam um diferencial no que diz respeito a construção da linguagem e do sentido. Por ter um público alvo formado majoritariamente por crianças e adolescente, o discurso empregado procura se aproximar o máximo possível da “realidade” vivida por tais.

Referenciando-se na proposta de Patrick Charadeau para o contrato comunicacional e também em outros estudiosos da Análise do Discurso, o presente trabalho discute a construção do discurso de caráter ambiental na revista *Ciência Hoje das Crianças*, periódico científico, que dado ao seu caráter mais “infantil”, pode auxiliar o educador na tarefa do letramento dentro do ambiente escolar, apresentando à criança, de maneira compreensível, assuntos que são tratados no âmbito global.

1. Referencial Teórico

O discurso, segundo Eduardo Manhães (2011), é algo em constante movimento, e que se apropria das formas de linguagem para construir um significado. O emissor se torna o sujeito da ação social e responsável pelo discurso, o qual terá aspectos específicos relacionados aos tipos de receptores.

Iniciadas as pesquisas na década de 60, a análise francesa, a qual teve como principal expoente Michel Pêcheux, assume o contexto dentro do texto, afastando a ideia de um tratamento empírico nos discursos, se apropriando de um discurso já existente. Ela caracteriza-se no assujeitamento do sujeito por discursos sociais previamente instituídos, ao exemplo dos textos jornalísticos, publicitários, da área de saúde e etc.



Fundamentado nas propostas de Patrick Charadeau (2006), professor da Universidade Paris-Nord, um dos principais expoentes franceses da AD midiática e fundador do centro de Análise do Discurso, e de Dominic Maingueneau (1997), linguista, estudioso da AD e professor da Universidade de Paris, o presente trabalho procura expor criticamente (à luz dos conceitos dos referidos autores) os marcadores de discurso presentes nas reportagens de cunho ambiental no periódico em questão (*Ciência Hoje das Crianças*) e na construção que a revista faz do contrato de comunicação, um dos principais conceitos trabalhos por Charadeau e de fundamental importância para que se entenda a estrutura da formação discursiva.

2. Análise do Discurso

Em um mundo cada vez mais dinâmico e dependente das instâncias midiáticas como o atual, parecia óbvia a constatação de que, mais cedo ou mais tarde, a língua e suas variações emergiriam como força de estudos acadêmicos. No campo das Ciências Humanas, o estudo do discurso é ainda mais importante; sua funcionalidade, seus efeitos e sua tridimensionalidade.

A vertente de análise do discurso inglesa traz como principal característica o trabalho do contexto e o texto de forma articulada aos fatos histórico-sociais. Mesmo com destaque no papel ativo do sujeito, a análise inglesa não descarta um relativo assujeitamento do sujeito por meio dos imperativos lingüísticos (MANHÃES, 2011). Dividida em três pontos, a corrente traz a instância conversacional como o aspecto que torna o texto entendível de ambas as partes, emissores e receptores. Ainda segundo Manhães (2005), os aspectos pressupostos de determinado grupo social no texto, como gírias e neologismos juntamente com os aspectos implícitos, geradores do sentido da situação textual, se tornam importantes para a análise conversacional de um discurso. A marcação de atos (locutórios, ilocutórios e perlocutórios) também contribui na construção de sentido.

Outra vertente da análise do discurso – e na qual o presente trabalho se referenda – é a francesa, que renega uma proposta unificada de análise por entender que discurso é uma forma de ação e, sendo assim, sua esfera abarca “n” desdobramentos; cada linguista estuda, constrói e defende seu modelo, baseado em seus conceitos e estudos. É o caso de Dominic Maingueneau (1997) que constrói sua proposta de análise com base no entendimento de discurso como um conjunto de textos.



2.1 Patrick Charaudeau e o contrato de comunicação

Patrick Charaudeau (2006) é um dos principais expoentes quando se fala na linha francesa da análise do discurso. Autor da conceituada obra “Discurso das Mídias” e co autor, junto com Maingueneau (1997), do Dicionário de Análise do Discurso, sua proposta de análise abarca diversos conceitos e, a primeira vista, pode parecer até mesmo reducionista recortar os conceitos que o contrato de comunicação traz, mas é ele quem rede o maior número de estudos e análises na área e, ao se entender o mecanismo, os motivos ficam claros.

“Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação.”
(CHARAUDEAU, 2006, p.67)

O contrato é alicerçado nas regulações sociais e nas restrições estabelecidas por tais. É preciso viver em comunidade e os discursos de representação, cada vez mais presentes na mídia, constroem as normas da linguagem que tornam possíveis a vida em sociedade.

“Nenhum homem é uma ilha”; já dizia o ditado antigo. Tal afirmação, contudo, não se apresenta reduzida ao ser humano. No furor de um mundo que não pára, nada funciona de maneira isolada, nem mesmo – e especialmente – a comunicação. Durante a construção de um discurso, toda a situação na qual ele está inserido tem que ser levada em conta. É uma relação simbiótica: “(...) todo locutor deve submeter-se às suas restrições (...) mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições.” (CHARAUDEAU, 2006, p.67-68)

Dessa maneira, surge o contrato, referendado por dados externos e internos. Os primeiros dizem respeito àqueles característicos a troca em si. São agrupados em quatro categorias: *Identidade* (Quem e para quem fala), *finalidade* (*Para quê fala?*), *propósito* (Do que se trata?) e *dispositivo* (Onde o discurso está sendo inserido?). Percebe-se, assim, que o processo de formação discursiva, em nenhum momento, é unilateral.



Os dados internos, por sua vez, são aqueles que apresentam as características discursivas em si. Comportamentos, formas verbais, papéis assumidos... São repartidos em três momentos: *Locução* (o sujeito deve conquistar o poder de comunicar), *Relação* (o sujeito constrói sua identidade e a do interlocutor/destinatário) e *Tematização* (restrito ao tema e a escolha discursiva para se tratar do mesmo).

É preciso atentar-se também as instâncias de informação.

“A instância de produção teria, então, um duplo papel: de fornecedor de informação, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumir as informações, pois deve captar seu público. A instância de recepção, por seu turno, deveria manifestar seu interesse e/ou seu prazer em consumir tais informações.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 72).

A instância de produção diz respeito a composição dos atores discursivos. Aqui, há que se chamar a atenção para a multiplicidade dos mesmos. Dentro de uma estrutura organizacional de comunicação, todos contribuem para a fabricação do discurso, tornando-o, assim, não um produto de um sujeito específico, mas de todos.

A instância de recepção, por sua vez, chama atenção ao perigo da generalização do público, que é “uma entidade compósita que não pode ser tratado de maneira global.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 78). Ele se diferencia de acordo com o suporte no qual o discurso está inserido e na identidade da instância receptiva, que é heterogênea e instável.

Sobre o contrato em diferentes suportes, Charaudeau (2006) destaca a imprensa como uma “área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos, e por vezes, de imagens fixas sobre um suporte de papel.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 113).

Sua importância torna-se clara ao se perceber a distância e de ausência física que ela estabelece com o receptor, quando comparada a magia imagética da TV e o fascínio auditivo do rádio. Ela faz com que a atividade de conceitualização seja muito mais forte e o ajuda a fazer a conexão entre as diferentes partes da narrativa.

Mais especificamente, sobre o gênero reportagem, Charaudeau (2006) o defende como a tentativa de explicar um fenômeno social. “A reportagem deve adotar um ponto



de vista distanciado e global (princípio da objetivação) e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado (princípio de inteligibilidade).” (CHARAUDEAU, 2006, pag 221).

3. Metodologia

Patrick Charaudeau, em sua proposta de análise do discurso, põe em cheque qualquer tipo de generalização e a proposta de se mensurar quantitativamente a informação; ou seja, ater-se única e exclusivamente a ao número de conteúdos que um discurso transmite. Charaudeau defende, então, uma análise qualitativa, que diz respeito a compreensão da informação diante do sistema de conhecimento no qual ela está previamente inserida e organizada. É, em outras palavras, reconhecer a máquina midiática na qual o discurso está sustentado e todas as suas instâncias – emissão, recepção e dispositivo.

A presente pesquisa cumpre a metodologia de Charaudeau, buscando analisar todas as dimensões do discurso e, acima de apontá-lo, compreendê-lo tal como é.

4. Análise de dados do objeto

O presente trabalho tem como objeto de estudo o periódico *Ciência Hoje das Crianças* Hoje uma revista conceituada dentro do âmbito escolar por se propor a discutir ciência com e para crianças, a *Ciência Hoje das Crianças* surgiu em 1986 e é uma parceria do Instituto *Ciência Hoje* com o Ministério da Educação Brasileira. É mensal e destinada principalmente a escolas infantis, pelo caráter educativo citado anteriormente.

A *Ciência Hoje das Crianças* tem uma periodicidade mensal e circula por cerca de 60 mil escolas brasileiras. Sua proposta é ousada e louvável. Diz-se ser na infância que a personalidade do ser humano é moldada quase que por inteiro e aquilo que for levado, sempre estará presente. Sendo assim, parece clara a importância de trazer para a sala de aula – a revista também é destinada a professores, contando inclusive com



alguns encartes com dicas para os mesmos – a discussão de assuntos presentes nos jornais, nas rodas de conversa e que são de interesse global.

A pesquisa traz esses conceitos aplicados a reportagens de cunho ambiental publicadas no periódico. Além-se, assim, a edição de agosto de 2012, sobre aquecimento global e a de junho de 2012, a respeito da Conferência Rio +20.

4.1 O contrato – elementos textuais

Charaudeau (2006) defende que, para que haja o sucesso do contrato comunicacional, é necessário que o locutor (no caso, a revista) tenha consciência de que seu destinatário precisa reconhecer a informação. Ainda, trata a reportagem no suporte impresso como a responsável por causar uma independência com relação ao leitor, que é quem compreende e seleciona os argumentos discursivos; além de, claro, propor questionamentos sobre os fenômenos que se atreve a discutir.

Nas duas reportagens que este trabalho se propõe a analisar, é clara a preocupação com o público alvo estar inserido em uma faixa etária infantil. Ambas tratam de um assunto ambiental que faz referência ao global e reside, aí, o desafio de se fazer entendível para crianças.

Na reportagem de agosto sobre aquecimento global, a construção do texto começa chamando atenção para a grande extinção dos dinossauros, que é “martelada” na cabeça das crianças desde sempre e, portanto, faz parte de seu imaginário. Aqui, vale se ressaltar também que o mascote oficial da revista, Rex, é um dinossauro.

Dividida em sua estrutura por tópicos – o que, além de ter um maior apelo visual, facilita a leitura -, a reportagem discorre sobre várias extinções que marcaram o Planeta Terra antes de, efetivamente, entrar no mérito do aquecimento global. A linguagem é sempre convidativa. No fim do primeiro parágrafo, antes de começar a explanação, o emissor diz “*Quer saber logo todos os detalhes? Vamos dar um pulinho no passado da Terra...*”. Percebe-se, claramente, a adequação da linguagem a uma realidade infantil, com o uso de expressões características e um tom convidativo, quase de “brincadeira”.



A adequação do texto a essa linguagem coloquial é a principal característica do contrato de comunicação. O emissor sabe para quem ele está falando e, por saber, adequa sua linguagem. O uso de expressões como “[...]Você aí”, “[...]Um frio, brrr!”, além da predominância de frases exclamativas denotam isso. Há também o teor intimista, quase melodramático, de ambas as reportagens, que buscam tornar seu leitor um personagem, um agente participante das causas que apresentam.

Aqui, pode-se perceber a aplicação do que Charaudeau (2006) descreve como alvo intelecto (aquele que é atingido pela reflexão) e alvo afetivo (que é “ganhado” pela emoção). “O alvo afetivo é, aquele que se acredita não avaliar nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional.” (CHARAUDEAU, 2006, p.81) Por mais que em ambas as reportagens predominem a presença de um alvo afetivo, com o apresentar do inesperado, trágico e chocante, o emissor convida a criança a uma reflexão do que o ser humano está fazendo com a Terra e quer que ela, a criança, seja o primeiro agente modificador dessa realidade.

Isso fica mais claro na reportagem de junho sobre a Rio +20, que traz uma lista de 20 coisas que a criança pode fazer para salvar o planeta. Com tempos verbais usados em sua forma imperativa, a revista não impõe, mas sugere de forma persuasiva que a criança passe a adotar aquelas medidas no seu dia a dia e, principalmente, que a repasse a seus pais.

O contrato tem a finalidade de “fazer saber” e “fazer sentir”. Para isso, o emissor “[...] se coloca como simples mediador entre os acontecimentos do mundo e sua encenação pública, assumindo-se como a testemunha mais objetiva possível.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 77-78). A verdade não precisa ser EXATAMENTE validada, mas exposta e colocada em evidência; o que o é, com louvor graças a estrutura que segue sua roteirização, que segue o princípio da emoção, baseada no conhecimento do universo das crianças. A imprensa que a elas é passada (em ambas as reportagens) é a de que o mundo está se acabando pelas mãos do ser humano e cabe a elas mudar isso.

O uso de dados numéricos e datas de fácil compreensão na organização textual contribui para que o discurso seja autenticado e passe a ter mais credibilidade para a criança que, vez ou outra, talvez até desenvolva algum tipo de fascínio sobre aquilo que lhe está sendo apresentado.



4.2 O contrato – elementos imagéticos

Não menos importantes que os elementos textuais, os elementos gráficos também aparecem em ambas as reportagens como agentes participantes do contrato. Martine Joly (2004), em seus estudos sobre o discurso da imagem, defende que os elementos plásticos da mesma (cores, forma, textura) são “signos plenos e inteiros e não um material de expressão dos signos icônicos (figurativos)”. (JOLY, 2004, p.92).

A Ciência Hoje das Crianças, desde a sua diagramação, mostra conhecimento do público ao qual se dirige. Usando cores fortes, vários desenhos e uma estrutura gráfica que valoriza mais os elementos visuais do que o texto em si, a revista consegue criar uma maior aproximação com a criança.

Quanto as duas edições que o trabalho se propõe a analisar, desde a capa já se percebe o forte uso da imagem como um marcador discursivo. A de junho traz o Sol e a Terra em formas humanas, com semblantes tristes e preocupados. O jogo de cores vivas e da diagramação também chama atenção. Para o título da matéria, usa-se um amarelo vivo. Na parte superior, há uma chamada sobre “lixo que vira brinquedo”, que apresenta uma relação direta com o assunto principal, a Rio +20. O chamariz em questão também é a palavra “brinquedo”, que já desperta o imaginário infantil.

A capa de agosto, por sua vez, traz uma combinação dos vários males que assolam o planeta e que estão causando seu fim. Tudo, em cima de uma esfera azul que representa a terra. Do lado esquerdo, há a imagem de um dinossauro aparentemente assustado com o que está vendo. Além da relação com o mascote da revista, ele produz um “valor de verdade”, por ser uma figura bastante conhecida das crianças e ter a capacidade de lhes chamar atenção.

Internamente, destaca-se a preferência por desenhos do que por imagens de fato, o que revela, mais uma vez, traços identitários do público alvo, elemento essencial para o sucesso do contrato. Contudo, também se chama a atenção, na matéria de agosto, para o uso de imagens reais do derretimento de geleiras e de queimadas nas florestas, que produzem o efeito de verdade, que Charaudeau (2006) descreve como o processo em que o emissor usa de artifícios para aguçar a subjetividade do receptor e levá-lo a crer que a mensagem é mesmo verdadeira.



O uso de imagens também tem destaque na matéria de junho, são desenhos (geralmente de crianças ou de seres inanimados adaptados, como uma escova com pernas e um sol piscando os olhos) que ilustram as “dicas” do que se fazer em casa pra ajudar a salvar o meio ambiente, provando que, no contrato comunicacional estabelecido entre a *Ciência Hoje das Crianças* e seu público, elementos textuais e gráficos têm cada qual sua parcela de vital importância para que ele seja realizado com sucesso.

5. Considerações Finais

Se debruçar sobre o estudo da informação sobre o viés discursivo é compreender todo o funcionamento da máquina midiática e seus “n” desdobramentos. Não é fácil; demanda tempo, compreensão e um olhar diferenciado sobre a esfera linguística e todas as partes que estão envolvidas na construção do discurso. Patrick Charaudeau, em sua obra, oferece mecanismos que ajudam a facilitar essa difícil tarefa que é a de se embrenhar pelos rumos da AD.

Trazer para a sala de aula assuntos científicos é uma proposta ousada e desafiadora, mas, ao mesmo tempo, admirável. É necessário que se construa, desde cedo, um senso crítico e uma capacidade de debate sobre ao mundo ao redor e é na infância que essa construção deve começar. Nota-se, assim, o quanto a *Ciência Hoje das Crianças*, objeto de estudo desse trabalho, é relevante dentro do cenário nacional.

Unindo fatos científicos em linguagem acessível ao público infantil com informação, a revista mostra que, sim, é possível que informação e entretenimento caminhem lado a lado, sem que uma esteja em detrimento da outra.

O objetivo do presente trabalho e da pesquisa no qual ele está inserido é exatamente reconhecer esse papel educativo do periódico, além de, claro, estudar as diversas camadas que seu discurso abarca, à luz dos mecanismos propostos por Charaudeau, com o auxílio de outros teóricos como Maingueneau, Manhães e Joly.



6. REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise de Imagem**. São Paulo: Papirus, 2004

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

MANHÃES, Eduardo. **Análise do Discurso**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 edição. São Paulo: Atlas, 2011.